

(2006) AUGUSTO DE ATAÍDE, *PERCURSO SOLITÁRIO*.

LISBOA, BERTRAND EDITORA.

Carlos Guilherme Riley – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores. Rua da Mãe de Deus. Apartado 1422. 9501-801 Ponta Delgada Codex.

MEMÓRIAS DE UM *REFLEXIVE YOUNG MAN*

Talvez não seja hábito da Bertrand Editora, sita ao Chiado, mas é estranho não virem assinalados os créditos fotográficos da capa do livro que, além de bonita, me parece ser uma metáfora bastante feliz do *percurso solitário* do autor destas memórias, Augusto de Ataíde, nascido em 1941 na ilha de S. Miguel e cedo chamado à vida pública quando, entre 1970 e 1974, integrou o Governo de Marcelo Caetano como Subsecretário da Juventude e Desportos. Se não me falha a memória visual, a fotografia retrata a ala poente do Terreiro do Paço, onde estavam situadas as antigas instalações do Ministério da Marinha, ponto relevante da geografia sentimental (lisboeta) de Augusto de Ataíde, pois suponho ter sido aí que prestou serviço na Repartição de Justiça da Armada enquanto esteve integrado como jurista nos quadros da Reserva Naval entre 1965 e 1968. Mas não é por esta razão topográfica – para não dizer críptica – que a fotografia ilustra bem a sua pessoa, mas antes pela *ordo* que transparece do compasso regular das

arcadas pombalinas, cujas colunas alinhadas em perspectiva evocam a racionalidade de um mundo moderno que, para a maioria das pessoas, há muito se tornou antigo. A imagem, ao mesmo tempo austera e grandiosa, contrapõe-se na sua geometria aos pronunciamentos pós-modernos de



alguns contemporâneos do autor, por este designados de *angry young men* e aos quais penso que assentaria melhor a expressão de *soixante-huitards*, atendendo à matriz cultural francesa de grande parte dessa geração. Neste sentido, sinto-me até tentado a ler na capa do livro uma espécie de *statement* prévio, discreto e elegante, muito embora corra o risco de estar a dizer disparates.

Augusto de Ataíde, nos primeiros anos da turbulenta década de 1970, encontrava-se do *lado de cá* da primavera marcelista e embora essa marca seja bem evidente na parte final do livro, desiludam-se aqueles que esperam encontrar inconfidências políticas acerca do crepúsculo da II República Portuguesa, pois o cunho introspectivo das memórias está mais virado para o mundo privado e familiar do autor, do que para a sua vida pública enquanto *civil servant*. Aqui reside, aliás, o interesse suplementar desta obra para os leitores açorianos, designadamente os micalenses, pois o registo intimista das memórias de infância e adolescência passadas no *Paraíso* da ilha de S. Miguel, consubstanciado no jardim José do Canto, é sem dúvida uma das partes mais apelativas da obra. De certa forma, as árvores centenárias do jardim, representando o lado orgânico e emocional do autor, poderiam bem ser a imagem do reverso da capa e, nesse sentido,

apetece até dizer que o livro pode (e deve) ser lido de duas maneiras, a da razão e a do coração. Mas, continuando com as particularidades açorianas destas memórias, elas devem também ser valorizadas como testemunho histórico-literário de uma sociedade ou, melhor dito, de uma malha social – cujos laços familiares correspondiam, como refere o autor, «*a ramos ou sub-ramos de algo como uma gens única*» – que, embora sem ter desaparecido, foi inexoravelmente ultrapassada pelos acontecimentos do último quartel do século XX. Sem desmerecer o seu interesse enquanto retrato epocal de uma certa Lisboa das décadas de 50 e 60, estou em crer que este livro se tornará sobretudo uma referência para todos aqueles que, nos Açores, se vierem a dedicar ao estudo das elites micalenses no período do pós-guerra.

Aliás, por falar em 2.^a Grande Guerra Mundial, é curioso notar a cadência (dir-se-ia biológica) com que nesta viragem do milénio a geração portuguesa nascida na década de 1940 começou a publicar as suas memórias, de que são exemplo, além da obra aqui recenseada, a recente autobiografia de Maria Filomena Mónica¹ (n. 1943) e também, em contraponto

¹ *Bilhete de Identidade. Memórias 1943-1976*, Lisboa, Aletheia Editores, 2005.

periférico e mediático a estes dois títulos, o interessante livro de crónicas escritas por João B. Serra² (n. 1949) para o jornal *Gazeta das Caldas*. Porventura existirão muitos outros afluentes ao caudal memorialista desta geração, mas apenas destaco estes porque, além de os ter lido aos três, qualquer um deles se encadeia no outro de forma a dar-nos um tríptico, tão diverso quanto interessante, do Portugal dos anos 50-60. Ao arpejo daqueles que lastimam a pobreza franciscana do memorialismo português³ quando comparado com a sua expressão prolixa em Inglaterra, penso estarmos para já muito bem servidos com estas três obras que, cada uma à sua maneira, retratam o início do *degelo salazarista* da sociedade portuguesa do pós-guerra, tanto nos seus cambiantes urbanos e lisboetas de uma *jeunesse dorée*, como no ambiente mais provinciano da burguesia rural do Oeste frutícola. Sem querer diluir o interesse intrínseco das memórias de Augusto de Ataíde, decorrente da sua matriz açoriana e do

cargo governativo que desempenhou, creio que elas só saem enriquecidas do confronto com outros testemunhos (neste caso, mais novos) da sua geração pois, independentemente de estílos e vaidades literárias, todos contribuem *inter pares* para um melhor conhecimento do que foi a sociedade portuguesa do *Antigo Regime*⁴, como soe dizer-se na gíria política da III República.

Mais coisa, menos coisa, todas elas se apresentam como registos biográficos parcelares que, implicitamente, reconhecem no 25 de Abril de 1974 um ponto parágrafo das suas histórias de vida, cortadas ao meio pelos acontecimentos revolucionários então ocorridos num país excentricamente ultramarino que, conforme asseguravam os cartazes propagandísticos do Governo de Marcelo Caetano, *era tão grande como a Europa*. No caso da obra aqui recenseada, onde esse traço meridiano é mais vincado do que nas outras duas, o regresso do país à sua finisterra medieval assinala – não diremos, como Francis Fukuyama, *o Fim da*

² Continuação. *Crónicas dos anos 50/60*, Caldas da Rainha, Ed. Gazeta das Caldas, 2000.

³ Sobre o memorialismo português, vejam-se, *inter alia*, os seguintes títulos: João Palma-Ferreira, *Subsídios para uma bibliografia do memorialismo português*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981; Clara Rocha, *Máscaras*

biográfica em Portugal, Coimbra, Livraria Almedina, 1992.

⁴ Expressão essa exemplarmente gravada no título das memórias de Diogo Freitas do Amaral, *O Antigo Regime e a Revolução. Memórias Políticas (1941-1976)* (Bertrand, 1995), também ele nascido em 1941 e companheiro geracional de Augusto de Ataíde.

*História*⁵ – o fim de uma certa história que daí para a frente muda subitamente de ritmo, como se a «segunda metade» do *século XX português*, que é o da sua apressada convergência europeia, tivesse girado à velocidade fonográfica de 78 rotações por minuto. As memórias de Augusto de Ataíde não acompanham esta aceleração da história, porventura porque ela ainda está entrelaçada na condição presente, mas retratam-nos fragmentos da memória colectiva portuguesa que, na linguagem das Ciências Documentais, já passou de arquivo morto para arquivo histórico. Os historiadores tirarão proveito da sua leitura, pois o que Vergílio Ferreira chamava a *baba da escrita* é uma das *pistas* a seguir na descoberta do caminho – marítimo

ou terrestre, tanto faz – para o passado e, nesse particular, há que ter em conta o contributo inestimável da literatura *confessional*⁶, quer quando ela assume o registo diário da *Conta-Corrente*⁷, quer quando adopta a respiração mais pausada e reflectida de um livro de memórias, como o faz no caso de Augusto de Ataíde. Muitos questionarão a *validade* desta obra enquanto objecto histórico, fundando-se no manifesto subjectivismo do *sujeito* que a escreveu, mas a esses paladinos da *eunuchal objectivity*⁸ só me ocorre responder-lhes que, *et pour cause*, as memórias de Augusto de Ataíde não merecem passar despercebidas. CARLOS GUILHERME RILEY

Outubro de 2006

⁵ A célebre tese de Francis Fukuyama é contemporânea da queda do Muro de Berlim e foi publicada primeiramente na revista *The National Interest* (n.º 16, 1989) sob o título *The end of History?*, sendo depois desenvolvida e aprofundada em livro: *The End of History and the Last Man*, New York, Free Press, 1992 (trad. port.: *O fim da História e o último homem*, Lisboa, Ed. Gradiva, 1992).

⁶ Tomamos *confessional* como sinónimo de autobiográfica, tendo presente o título de duas obras maiores deste género literário: as

Confissões de Santo Agostinho (século IV) e de Jean Jacques Rousseau (século XVIII). Veja-se, a este respeito, Maria Filomena Mónica, *ob. cit.*, pp. 12-13.

⁷ Vergílio Ferreira, *Conta corrente*, 5 vols., Lisboa, Bertrand, 1980-1988.

⁸ A expressão é do historiador alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884). Sobre este assunto ver o estudo de Félix Gilbert, «The New Edition of Johann Gustav Droysen's *Historik*», in *Journal of the History of Ideas*, John Hopkins University Press, vol. 44, 1983.